

O imaginário da cidade de Salvador nas canções de Dorival Caymmi – uma reflexão geográfica

Jânio Laurentino de Jesus Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O imaginário da cidade de Salvador nas canções de Dorival Caymmi – uma reflexão geográfica

Jânio Laurentino de Jesus Santos¹

Representando um misto de cultura e etnias oriundo da miscigenação, Salvador é, para alguns, a “cidade da magia”, com encanto singular. No entanto, traz consigo também profundas marcas de um processo de formação e evolução desigual, comum, aliás, a várias outras cidades brasileiras. Assim é a *Capital da Bahia*. Um lugar que é canto, verso e prosa para muitos artistas, cada qual, porém, destacando e exprimindo, a partir do seu posicionamento ideológico, as diferentes facetas que compõem a totalidade desta cidade.

Apesar de serem vários os artistas que abordaram Salvador em suas obras, um destaca-se pela sua identificação com a referida cidade – Dorival Caymmi. Suas obras trazem uma forte influência das experiências vividas em cada esquina, cada praça, cada igreja, cada praia... Nesse sentido, percebeu-se a relevância de analisar o imaginário da cidade de Salvador nas obras desse cantor e compositor baiano. A partir da “leitura” de suas músicas, foi desenvolvida uma

investigação sobre a forma como o mesmo representa e percebe o espaço geográfico, não como palco das ações dos personagens, mas como meio, condição e processo para a realização dessas ações.

Pelo fato de Caymmi não ter como objetivo específico fazer descrições espaciais ou se prender, em todas as suas obras, a um espaço em particular, mesmo que em alguns momentos o faça, algumas dificuldades são evidentes. A principal delas foi tentar separar, no conteúdo total de suas canções, aquelas que tivessem a cidade de Salvador como espaço singular, ou que, pelo menos, fizessem alguma referência à cidade. O conteúdo do trabalho, então, limitar-se-á a analisar apenas as obras que abordam, de uma maneira ou de outra, Salvador como recorte espacial da investigação.

Inicialmente, será desenvolvida uma análise epistemológica da questão do espaço para a Geografia. Em seqüência, será analisado o conteúdo teórico e metodológico do referido conceito na pesquisa, destacando a categoria espacial utilizada para a investigação – o lugar. Por final, serão discutidas a vida e a obra de Dorival Caymmi, destacando-se o imaginário espacial contido em ambas – vida e obra.

O trabalho apresenta grande relevância, pois é uma mostra da importância do espaço geográfico (com ele, da Geografia como ciência) no processo de evolução ou desenvolvimento da humanidade. A evidência dessa indissociabilidade entre homem e lugar constitui a base do pensamento de Caymmi ao longo de suas canções, sendo a Geografia fundamental para entender a vida da sociedade.

Um pensar sobre o espaço

Eleita pela maior parte dos geógrafos da atualidade como o objeto de estudo, por excelência, da Geografia, a palavra espaço apresenta uma multiplicidade de sentidos e definições, aplicados às mais diversas situações cotidianas. Consultando, brevemente,

alguns dicionários e enciclopédias da língua portuguesa, torna-se perceptível a veracidade dessa afirmação, em virtude da pluralidade semântica que a referida palavra possui. Apenas a título de exemplo, foi verificado que “espaço” pode, de forma paradoxal, exprimir a idéia de intervalo de tempo – “*no espaço de um ano*”; pode significar limite para alguma argumentação – “*não há espaço para este comentário*”; também, pode vir como dimensão para qualquer objeto material – “*o espaço do caderno*”; ou, ainda mesmo, como uma extensão (limitada ou ilimitada) da superfície terrestre – “*o espaço ocupado pelo território brasileiro*”. Além desses exemplos, poderiam ser feitas várias outras constatações da polissemia do termo. Entretanto, a análise proposta no momento limitar-se-á a discutir a última acepção, na qual está contida a dimensão epistemológica que é relevante para a Geografia – o espaço como uma extensão da vida da sociedade.

No cerne da evolução do pensamento da Geografia, o espaço foi definido e especificado como *geográfico*, por um lado, para enfatizá-lo como objeto de estudo da referida ciência e, por outro, para fazer a devida separação entre ele e os demais sentidos que acima foram brevemente explicitados. Como espaço geográfico pode-se entender, de forma simplificada, aquele que é o *habitat da humanidade*. No entanto, nas discussões e debates epistemológicos verificados em bibliografia específica, percebe-se que vários autores o definem de forma singular, não se perdendo, contudo, a sua essência principal como o *local da vida do homem*.

O mais relevante, nessa análise sobre a construção teórica que fomentou a discussão conceitual do espaço geográfico, é que, a partir das contribuições dos autores, respeitando-se suas devidas singularidades, foi possível elaborar um parecer no qual estão contidas as características fundamentais que embasam as pesquisas sobre o espaço geográfico. A primeira delas é a percepção do *espaço como uma totalidade*, utilizando-se para isso, uma visão holística da realidade; a segunda diz respeito à necessidade

de, ao se analisar esse espaço, procurar *ir além da forma*, buscando relacioná-lo ao conteúdo que lhe é peculiar; finalmente, nunca perder de vista que o espaço é *um objeto de mediação (mas também é mediador) nas inter-relações do homem com a natureza*.

Em busca da totalidade espacial

A realidade, bem como tudo que nela está contido, apresenta-se como um todo, cuja dificuldade de *empiricização* é notória. Essa realidade é fundamentalmente constituída por dois elementos essenciais que possibilitam a sua existência concreta – o espaço e a sociedade. Juntos, eles vão formar um conjunto que é o cerne da existência tanto social quanto espacial. Cada um desses elementos (espaço e sociedade), por sua vez, apresentar-se-á também como totalidade interdependente, por apresentar objetos e ações singulares. No entanto, pensadores de vários ramos do saber humano já perceberam que essa forma holística de analisar o mundo apresenta certas limitações sistemáticas, principalmente pela quase impossibilidade de empiricização.

Autores como Hegel, na Filosofia, e Milton Santos, na Geografia, destacaram esse fato e propuseram que a totalidade, tanto da sociedade quanto do espaço, deve ser o fundamento norteador do pesquisador. Entretanto, eles ressaltam, *a priori*, que essas totalidades são praticamente inatingíveis, pois, a cada momento que se desenvolve uma pesquisa e chega-se a uma totalidade, essa será parcial, pois estará sempre contida em outra maior e mais complexa. Sobre essa questão, SANTOS comenta:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo.²

Nesse sentido, percebe-se que toda e qualquer pesquisa de caráter social ou espacial deve ser analisada a partir de recortes³ que serão momentos de apreensão do fenômeno, tendo como finalidade uma maior compreensão da complexidade que é a realidade. “Geograficamente” falando, pode-se afirmar que uma investigação que pretenda analisar determinadas realidades espaciais, independentemente da escala utilizada, deve ser precedida do entendimento de que aquele espaço que será objeto empírico de verificação faz parte de um conjunto maior, no qual os elos de influência entre parte e todo são recíprocos.

Não há conteúdo sem forma, nem forma sem conteúdo

Um segundo ponto importante na pesquisa em Geografia está relacionado diretamente ao objeto de estudo, tema da discussão desta parte do trabalho, que é o espaço geográfico. Muitos autores, ao longo da evolução histórica dessa ciência, limitaram suas pesquisas ao circunscrever a análise ao concreto, como se ele fosse *per se* o objetivo final do trabalho. A geografia, dessa forma, limitar-se-ia a verificar as formas existentes, sem atribuir nenhuma relação com a realidade da qual faz parte; o espaço seria essencialmente o concreto, a forma.

Essa percepção do espaço geográfico, no entanto, já foi superada por inúmeros pensadores da Geografia. A forma que lhe é peculiar vem acompanhada de um conteúdo social, sem o qual sua existência seria nula. Ele é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”⁴, que apresenta um alto grau de complexidade, cuja materialidade explicita uma face da realidade, ao mesmo tempo que oculta outras. Por isso mesmo é que se torna necessário ir além das formas contidas na paisagem, pois

O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade.

Assim, percebe-se que, em hipótese alguma, haverá separação entre o espaço e a sociedade, salvo à guisa de sistematização para a investigação da pesquisa empírica. Destaca-se esse fato pela importância de perceber que a realidade é como tal, existindo independentemente da ciência. Em verdade, é o cientista quem a desagrega metodologicamente, com a finalidade de melhor compreendê-la.

A dialética entre o espaço e a sociedade

Passo a passo, foi feita, nesta parte do trabalho, uma análise sistemática e metodológica dos procedimentos que envolvem uma investigação geográfica. O primeiro deu ênfase à necessidade da visão holística na pesquisa em Geografia; o segundo destacou a importância da relação indissociável do binômio forma-conteúdo. No entanto, uma dúvida surge no desenvolver desta análise: como efetuar esta investigação? Que mecanismos podem ser utilizados para que essa verificação seja cientificamente exequível? Tentar-se-á equacionar, de forma simplificada, as dúvidas sobre esse último ponto, tão importante quanto todos os outros supracitados.

É através do mecanismo da dialética que se torna possível, numa pesquisa, a análise da relação forma-conteúdo, ou espaço-sociedade. A partir desse método de análise, o espaço passa a ser uma condição para que os processos da sociedade se realizem, assim como a sociedade passa a ser essa mesma condição para os processos espaciais. Claro que cada qual através de seus próprios mecanismos. Nesse sentido, considera-se o fato de que

As sociedades refletem e reproduzem no espaço todas as suas características. Este processo implica nas cristalizações das relações que se desenvolvem entre os homens, e entre eles e o espaço, no lugar. Entretanto, o espaço é compreendido (...) ao mesmo tempo, como produto e produtor destas relações.

Assim, o espaço é analisado como produto dos fenômenos sociais, bem como condição e meio para sua realização, um mediador, que é, paradoxalmente, mediado pela sociedade, numa troca infinitamente recíproca. As formas existentes são resultados dos processos sociais, assim como foram condição *sine qua non* para a realização dos mesmos processos.

O lugar como referência para a análise

Como já foi comentado anteriormente, a totalidade espacial apresenta limitações que dificultam a sua apreensão empírica. Assim, faz-se necessária uma fragmentação da análise visando ao conhecimento de uma das suas frações (como totalidades menores). Existem várias categorias dimensionais que podem ser aplicadas à pesquisa geográfica. A escolha de cada uma delas dependerá do objetivo e dos métodos propostos para a pesquisa. Dentre as mesmas, neste trabalho, para a investigação, foi escolhida a categoria **lugar**, pelo fato de a mesma conter elementos epistemológicos que nortearão a problemática. Antes, porém, faz-se necessária a explicação das referências teóricas utilizadas na elaboração do conceito, tal como é posto na análise.

Lugar: conceito e ferramenta

É do consenso de todos os geógrafos que a Geografia pode trabalhar o espaço a partir de diversas escalas. Não a escala cartográfica, matematizada, mas a escala geográfica que revela os níveis dimensionais de abordagens do fenômeno. Fundamentalmente, pode-se pesquisar os processos que atuam no âmbito global, nacional, regional ou local de forma diversa, seja perpassando e relacionando-os, seja individualizando-os como momentos singulares de apreensão dimensional do espaço.

O lugar vai ser eleito como a categoria dimensional a ser analisada, pela compreensão de que o mesmo comporta plenamente as relações que a pesquisa objetiva investigar, pois é no lugar *que ocorre a ação, é lá que os fenômenos ganham materialidade* e evidenciam-se como realidades objetivas ou subjetivas. O cotidiano do espaço revela as singularidades que identificam cada lugar como único, influenciado também pelos processos que impactam no âmbito global. Segundo CARLOS, o lugar é

O espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado através do corpo. (...) (Ou seja) a porção do espaço apropriável para a vida através (...) dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua...

Indubitavelmente, a cidade é um dos lugares (ou o conjunto de lugares) onde as *coisas* do cotidiano acontecem. É através dela que a sociedade produz e reproduz parte da sua história, ao mesmo tempo em que faz a própria cidade se reproduzir como materialidade. A maioria dos fenômenos que se desenvolvem no âmbito global tornam-se materialidade no lugar.

Em busca da imagem da cidade

Na investigação da cidade como *locus* principal da vida da sociedade no mundo atual, alguns questionamentos significativos devem ser mencionados, pois auxiliam a compreensão da complexidade do pesquisar a urbe. O primeiro desses questionamentos é: *qual seria, se é que há, a imagem da cidade?* Partindo-se do princípio de que realmente essa imagem existe, *como poderíamos percebê-la empiricamente?*

Em primeiro lugar, é salutar dizer que não existe uma imagem da cidade. Existem várias imagens que constroem uma imagem da cidade. É através dos seus fixos, do seu conteúdo e estrutura social, além do seu processo de evolução histórica, que

uma gama enorme de imagens vão construindo o imaginário das cidades. Esse imaginário pode ser definido como o *conjunto de elementos materiais e subjetivos que constituem a essência de uma cidade*. Não se apresenta de forma única, pois ele vai ser definido a partir das particularidades de quem busca a sua apreensão. Dessa forma, irão influenciar na construção do imaginário de uma cidade a conjuntura política, socioeconômica e cultural de quem a investiga. SERPA, sobre essa questão, diz que

As imagens que formamos da “nossa” cidade são deturpantes, modificam relações espaciais, formas e escalas, esquecem alguns detalhes, enquanto valorizam outros de forma exagerada. Aquilo que se vê está baseado na forma exterior, mas o modo como interpretamos e organizamos estas informações também afeta o que é visto.⁸

Para pesquisar-se a imagem, ou as imagens, que a cidade possui, deve-se, em primeiro plano, perceber a dimensão histórica na qual a mesma está inserida. Nela estão presentes (claramente ou de forma submersa) elementos do passado justapostos àqueles da modernidade e da contemporaneidade. As formas são os elementos aparentemente mais fáceis de apreender na imagem de uma cidade, pelo fato de refletirem parcialmente a materialidade dos fenômenos. PINHEIRO & SILVA reforçam muito bem esse fato, quando dizem que

É na cidade, e através da escrita, que se registra a acumulação de conhecimentos. Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, vez que se fixa em uma memória que, ao contrário, da lembrança, não se dissipa com a morte. A cena escrita da cidade permanece. E não são somente os textos que a cidade produz e contém (...) que contêm esta memória, a própria arquitetura urbana (ou se preferem, a escrita enigmática do texto urbano) cumpre também este papel. O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de contar a experiência daqueles que os construíram, revela o seu mundo.⁹

Entretanto, a percepção das formas não pode ser desvinculada do conhecimento e do entendimento do conteúdo que a cristalizou, pois, invariavelmente, as mesmas formas que refletem algumas imagens podem ocultar outras, impossibilitando a construção de um imaginário real do lugar.

A Salvador nas obras de Dorival Caymmi

A discussão teórico-metodológica sobre a questão espacial, bem como sobre as suas categorias dimensionais, desenvolvida acima, é o alicerce principal da investigação, pois solidifica as argumentações que serão propostas neste tópico. Então, será agora analisada a forma como Dorival Caymmi aborda, em suas obras, ou melhor, a forma como o mesmo faz uma “leitura” do espaço geográfico da cidade do Salvador no conjunto de sua obra, verificando quais as características que norteiam essa leitura como um todo.

Vale ressaltar, contudo, que a investigação da pesquisa fará uma tentativa de perceber quais as características geográficas que o autor impõe na sua obra e como, de forma dialética, esse mesmo espaço influenciou na construção de suas canções. É importante destacar isso pelo fato de que não era objetivo de Caymmi fazer verificações espaciais em sua obra. Ele utilizava a totalidade espacial, junto com a totalidade social, como elementos de composição da **realidade** na qual estava inserido.

Também não é objetivo da análise questionar ou abordar as contradições, se é que elas existem, entre as abordagens do autor em relação à cidade e o que a realidade nos impõe como verdade. Tampouco discutir se há ou não contradições ideológicas na vida do cantor e compositor, que influenciam na abordagem da cidade, ocultando ou evidenciando fatos. A pretensão é apreender o que existe de geográfico nas suas obras.

Quem é Dorival Caymmi?

Tranqüilidade seria a palavra conveniente para definir o Dorival Caymmi que emana nas suas canções, um dos maiores compositores baianos cujo tema principal é a exaltação da sua terra natal (a Bahia), juntamente com a cidade de Salvador – suas singularidade e particularidades. Nascido na referida cidade em 30 de abril de 1914, Caymmi prosou e versou a paisagem baiana e soteropolitana como poucos, em seu jogo de múltiplos ritos.

Teve um papel importante na construção da imagem da cidade, ao mesmo tempo em que foi por ela influenciado. Desenvolveu vários trabalhos em Salvador, antes de tentar a sorte como cantor de rádio. Em 1938, foi para o Rio de Janeiro, com o objetivo de realizar o curso preparatório de Direito, ou, quem sabe, trabalhar como jornalista, pelas experiências de outrora. Entretanto, por incentivo de amigos, trilha os caminhos da vida a partir das músicas. Muitos cantores e compositores da época e da atualidade foram e são influenciados por Caymmi.

Na análise da obra do autor, percebe-se uma interessante homogeneidade, no interior de sua vasta heterogeneidade. Essa verificação é revelada a partir de três grandes elementos geográficos da cidade de Salvador que encantam Dorival. O primeiro e, talvez, o mais importante deles é o mar; o segundo, não menos importante que o primeiro, a força cultural que emana do povo que reside na cidade; e, por último, guardando íntima relação com o segundo, as características que a religiosidade imprimiu no espaço urbano.

O encanto das águas de Salvador

O fato de ter morado nas proximidades da praia, em Salvador, e de ter vivenciado as maravilhas e tragédias que o mar proporciona, fez de Caymmi um homem deslumbrado com as águas. Mais que o fato de ter morado na orla marítima, cedo ele percebeu que o mar era

uma das dádivas da cidade. Assim, o mar foi uma das suas mais importantes fontes de inspiração. Em suas obras, ele consegue, sob várias óticas, exprimir os sentimentos de admiração, medo, respeito e paixão por esse encanto que a natureza reservou e deu de presente para a fundação da Salvador colonial.

Dentro de suas canções, que, como já foi mencionado, muitas vezes não especificam o local exato, o mar (ou as águas) é (são) uma referência geográfica. Sobre Salvador, ele tem como principais músicas: a Lenda do Abaeté, Dois de Fevereiro, Saudade de Itapuã, Festa de Rua, Itapuã, dentre outras. Essas são citadas como especificamente da Cidade, por, de alguma forma, fazer menção a algum lugar seu em particular. Dos bairros mais “cantados e prosados”, Itapuã destaca-se, pelo fato de o cantor e compositor ter passado parte de sua vida no referido local.

Um fato, no entanto, é interessante nas canções de Dorival Caymmi que fazem referência ao mar. Observa-se que o autor não aborda o mar como um puro e simples elemento natural. Ele faz uma perfeita articulação entre o mar e a população que o desfruta. Muitas vezes, esse elemento natural é reificado, ganhando quase vida própria. O mar não aparece apenas como um dado na paisagem, compondo o “cenário”. Ele é “ator” em cena, dando vida ao espaço que coabita com a sociedade.

Na “*Lenda do Abaeté*”, a lagoa é tida como um mito que atrai e amedronta as pessoas que a utilizam:

De manhã cedo se uma lavadeira, vai lavar roupa no Abaeté
 Vai se benzendo por que diz que ouve, ouve a zoadá do batuacjé...
 (...) O pescador deixa que seu filhinho, tome jangada faça o que quiser¹⁰
 Mas dá pancada se o filhinho brinca, perto da lagoa do Abaeté...

O mar é meio para alcançar e agradecer as graças alcançadas em “*Dois de Fevereiro e Festa de Rua*”:

Cem barquinhos brancos nas ondas do mar...
 Uma galeota a Jesus levar

A Conceição da Praia está embandeirada
 De tudo quanto é canto minha gente vem ¹¹
 Dia 2 de Fevereiro. Dia de festa no mar
 Eu quero ser o primeiro pra salvar Yêmanjá ¹²

Em “*Itapuã*” e “*Saudade de Itapuã*”, o mar, junto com a **pedra que ronca**, a areia e o vento, também enobrecem a beleza do bairro de Itapuã, compondo um rico cenário com e para as pessoas que lá residem.

(...) A pedra que ronca no meio do mar
 Tem no seu dorso sentada, Yayá
 (...) a pedra é morada da moça do mar. ¹³
 (...) Ó vento que faz cantigas nas folhas, no alto do coqueiral,
 Ó vento que ondula as águas eu nunca tive saudade igual. ¹⁴

É marcante a forma como Caymmi articula o mar aos seus personagens. O elemento natural faz parte intrínseca da vida dos habitantes. Em cada verso, ele deixa transparecer a sua importância na vida dos pescadores, das mulheres e namoradas dos pescadores, enfim, de todos aqueles que estão com a vida, de uma forma ou de outra, relacionada ao mar, inclusive ele próprio.

Lendas e mistérios: a cultura da cidade

Além do mar, como uma referência para a cidade de Salvador, outro elemento bastante destacado nas canções de Dorival Caymmi é a riqueza cultural da população, principalmente aquela que está associada à pluralidade religiosa, característica da cidade. Fruto da miscigenação oriunda do processo de colonização, a Salvador cantada e prosada pelo compositor é claramente um misto entre a fé católica, descendente dos invasores portugueses, e os cultos do candomblé, originários dos escravos que foram expropriados de sua grande “nação” africana. De forma menos expressiva, também exprime espacialmente a associação que os índios faziam entre o espaço e alguma entidade mitológica.

Essa diversidade cultural e principalmente religiosa é materializada no espaço, o qual possibilita o processo de reprodução do fenômeno. Dessa forma, o autor, ao analisar os diversos lugares que compõem a cidade, destaca, em várias das suas obras, os seus traços culturais, seja com uma menção a um elemento fixo, como uma igreja, seja com uma articulação entre o espaço e sua importância para alguma entidade religiosa, ou até mesmo uma importância do espaço para qualquer momento da vida cotidiana da população.

Nesse contexto, podem-se destacar como obras importantes que retratam ou exprimem elementos culturais e (ou) religiosos da cidade, as já citadas *Lenda do Abaeté*, *Dois de Fevereiro* e *Festa de Rua* e também *O que é que a baiana tem?*, *Santa Bárbara*, *Você já foi à Bahia?*, *Bahia com H*, dentre outras. Vale destacar que, em algumas obras, o autor refere-se à Bahia genericamente, não especificando a Salvador. Contudo, particulariza, ao longo dos seus versos, elementos que compõem a cidade.

Em “*O que é que a baiana tem?*” destaca o papel da mulher baiana como intimamente ligado às tradições religiosas e a importância do Bonfim no contexto:

(...) Só vai no Bonfim quem tem...
Um rosário de ouro, uma bolota assim
Mas quem não tem balangandans não vai no Bonfim..¹⁵

Esse mesmo traço é reconhecido em “*Santa Bárbara*”, ao comentar a tradição da festa da referida santa na Baixa dos Sapateiros, tendo o mercado como referência para as comemorações:

(...) Santa Bárbara chegou, seu dia chegou
Tem pagode no mercado, tem pagode bom...
Na Baixa dos Sapateiros vai ter fuzuê..¹⁶

Em “*Você já foi à Bahia?*”, além de reificar a cultura da Bahia, destaca Salvador como referência da época do colonialismo, com seus belos sobrados e sacadas; na “*Lenda do Abaeté*”, estreita o relacionamento entre os habitantes e a lagoa, destacando o papel

dessa última no cotidiano da população; em “*Festa de Rua*” e “*Dois de Fevereiro*”, o espaço é elemento de reprodução da herança cultural africana, expressa a partir do candomblé.

Intermináveis seriam as passagens nas quais Dorival Caymmi deixa bem clara a importância do local para as manifestações culturais da cidade de Salvador. Em cada uma das suas estrofes e versos, percebe-se a sensibilidade do cantor e compositor em apreender a “totalidade” da cidade que ele compõe no seu imaginário. Mesmo que, para os olhos de outros cidadãos, essa totalidade seja parcial.

Conclusão

O exercício de tentar apreender o espaço geográfico a partir da obra “literária” de Dorival Caymmi reforça aquela idéia de Imanuel Kant de que “pode-se abstrair tudo da realidade, menos a idéia de tempo e espaço¹⁷”, pois, indiscutivelmente, o pensamento humano é sempre dado temporal e espacialmente. As noções de espaço, bem como de seu complemento indissociável, o tempo, estão sempre presentes nas obras desse importante compositor baiano.

Ao construir suas canções, Caymmi tenta reproduzir, com grande romantismo, traços que fazem parte do cotidiano da cultura baiana, bem como os principais elementos naturais que compõem a paisagem. Nesse processo, ele deixa bem clara sua paixão pela velha Salvador. É uma relação dialética, pois, ao mesmo tempo em que utiliza esses componentes para elaborar suas composições, ele próprio consegue construir, ao longo de suas obras, um imaginário da cidade, que é percebido por aqueles que não a conhecem. Dessa forma, não se pode definir quem influenciou quem. Se foi a cidade que deu margem ao imaginário de Caymmi, ou se foi ele que, através de seus versos, nos fez perceber a cidade à sua maneira.

É evidente que o compositor não exprime as contradições espaciais tão claramente perceptíveis para qualquer um que

venha a conhecer Salvador. Contradições que se refletem na cultura, na economia e no social como um todo. Se SANTOS afirma que “o espaço é a morada do homem, mas também pode ser a sua prisão¹⁸”, Caymmi vê o espaço de Salvador apenas como morada, como um belo local de morada.

A totalidade espacial que compõe a cidade de Salvador como lugar, percebida nas obras de Dorival Caymmi, é uma falsa totalidade. Na realidade, é um processo interessante e nostálgico de *fetichização* da cidade. É uma visão fragmentada da realidade. É um olhar parcial sobre a cidade e sobre o urbano que a constitui. No entanto, é fecundo perguntar: Quem consegue apreender todos os aspectos da totalidade sócio-espacial? Ou seja, quem consegue apreender a realidade complexa de um lugar como um todo? É um exercício que se deve eternamente buscar. Entretanto, sabe-se que, a cada alcance de uma totalidade, outra mais complexa se apresentará.

Caymmi faz, através dos seus instrumentos, uma análise da cidade de Salvador a partir de suas perspectivas, de sua vivência, recortando o que lhe foi significativo. O que é retratado é simplesmente esse fato. Salvador tem uma representatividade histórica para ele, que tenta exprimi-la através de suas canções. É uma visão romântica, sem dúvida nostálgica, de uma cidade mítica e complexa, mas também fortemente desigual.

NOTAS

¹ Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

E-mail: janiosantos@yahoo.com.br

² SANTOS, Milton. *Espaço e Método*, -1985.

³ Na geografia, estes recortes são dados, principalmente, a partir das categorias dimensionais de análise do espaço: paisagem, território, região e lugar

⁴ SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*, 1997.

- ⁵ SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*, 1997.
- ⁶ SANTOS, Janio & SERPA, Angelo. *A produção espacial do comércio e serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador*, 1997. pp. 45-65
- ⁷ CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*, 1996
- ⁸ SERPA, A. *Urbana baianidade, baiana urbanidade*, 1998.
- ⁹ PINHEIRO, Délio J. F. & SILVA, Maria A. Cidade-texto. In: *in A escrita das cidades*, 2001.
- ¹⁰ A Lenda do Abaeté - Dorival Caymmi.
- ¹¹ Festa de Rua - Dorival Caymmi.
- ¹² Dois de Fevereiro - Dorival Caymmi.
- ¹³ Itapoan - Dorival Caymmi.
- ¹⁴ Saudade de Itapoan - Dorival Caymmi.
- ¹⁵ O que é que a baiana tem? - Dorival Caymmi.
- ¹⁶ Santa Bárbara - Dorival Caymmi
- ¹⁷ KANT, Imanuel *Crítica da razão pura*, 1996.
- ¹⁸ SANTOS, Milton *Espaço e Método*, 1985.

REFERÊNCIAS

- CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.
- CAYMMI, D. *Cancioneiro da Bahia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1947. 156 p.
- DORIVAL Caymmi. São Paulo: Globo, 1996. (MPB Compositores, 14).
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 2 v. (Os Pensadores).
- PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. da. *A escrita das cidades*. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, 2001. Texto introdutório à disciplina GEO-783 - O espaço geográfico na literatura.
- SANTOS, J.; SERPA, A. A produção espacial do comércio e serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salva-

dor. *Geosp: espaço e tempo*, São Paulo, n. 8, p. 45-65. 1997.

SANTOS, M. *Espaço e método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p.

_____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190 p.

SERPA, A. *Urbana baianidade, baiana urbanidade*. Salvador: [s. n.], 1998. 182 p.